

Sibilas do Tijuco: a centralidade das profetisas seculares na arte colonial

Sibyls of Tijuco: the centrality of secular prophetesses in colonial art

Maria Claudia Almeida Orlando Magnani¹

RESUMO

Este trabalho apresenta a peculiaridade da representação das sibilas na arte colonial de Diamantina, Minas Gerais. Sendo as únicas representações das profetisas na colônia, elas estão contornadas por estruturas de falsa arquitetura inspiradas em Andrea Pozzo e apresentam uma centralidade incomum e única no mundo. Segundo Joyce Lussu toda a cultura hegemônica teve que prestar contas à sibila, manipulá-la e deformá-la e ainda assim não a conseguiu suprimir. Nestas representações tão características, reafirma-se a dimensão multicultural do mito feminino que faz o elo entre o divino e o humano, com importância confirmada pelas suas dimensões e centralidade, além da sofisticação das estruturas de quadratura.

Palavras chave: Sibilas, centralidade feminina, profetisas.

ABSTRACT

Abstract: This paper introduces the peculiarity of the representation of the sibyls in the colonial art of Diamantina, Minas Gerais. As the only representations of the prophetesses in the former Portuguese colony, they are surrounded by structures of false architecture inspired by Andrea Pozzo and present a centrality that is unusual and unique to sybil representations worldwide. According to Joyce Lussu, all hegemonic cultures had to account for the sibyls, to manipulate and deform their image and reputation - and, even so, none was not able to suppress them. In these very characteristic representations, the multicultural dimension of this feminine myth which makes the link between the divine and the human, is reaffirmed and its importance is confirmed by its dimensions and centrality, as well as by the sophistication of the square structures surrounding them.

¹ Professora Associada do PPGCH da UFVJM.

Key words: Sibyls, feminine centrality, prophetesses.

As únicas representações das sibilas na colônia portuguesa da América encontram-se em Diamantina, Minas Gerais, antigo Arraial do Tijuco. Trata-se de uma pintura à têmpera oleosa, situada na capela-mor da Igreja de Nosso Senhor do Bonfim (do final do século XVIII); de seis véus quaresmais inventariados pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (do final do século XVIII e princípio do XIX) – e dois não inventariados que se encontram na Igreja de Nossa Senhora do Rosário de São Gonçalo do Rio das Pedras, distrito do Serro (datados e 1869).

Todas essas representações encontram-se envoltas em estruturas de falsa arquitetura, sendo as mais sofisticadas baseadas no tratado de Andrea Pozzo². Dentre os véus quaresmais, aqueles atribuídos a Caetano Luiz de Miranda e um com documentação comprobatória da sua autoria, têm a estrutura de quadratura mais sofisticada. Nos outros panos anônimos e também na pintura da abóbada da capela-mor, a falsa arquitetura é menos sofisticada, com escasso conseguimento do aprofundamento fingido dos espaços e da tridimensionalidade.

Para compreender a especificidade da centralidade das sibilas aqui abordadas, faz-se necessário apresentar, ainda que rapidamente, as informações básicas sobre aquelas figuras. As sibilas são personificações femininas, artísticas e literárias, que trazem em si um aspecto universal da condição transcendente do ser humano: o dom da profecia. De origem mítica, o modelo desse personagem responde a imperativos literários e se manifesta em ambientes artísticos, mas levanta também questões polêmicas: antropológicas, iconográficas, teológicas. Pode ser vista, na tessitura dessa malha intrincada, como uma atualização constante da imagem, inerente à imaginação humana, da mulher profetisa.

2 MAGNANI. A Estrutura de Falsa Arquitetura dos Véus Quaresmais com Sibilas de Diamantina. P. 35–50.

Como mitos oraculares e divinatórios, as sibilas tiveram longo alcance temporal sobreviveram em diferentes espaços. Ao longo da história da humanidade, todas as culturas criaram mitos que pretenderam dar respostas às questões fundamentais do ser humano. A partir disso, mesmo as condutas profanas das comunidades humanas foram orientadas pelos modelos exemplares dos entes sobrenaturais que habitam as narrativas míticas. Nesse contexto mitológico as sibilas e seus oráculos se inserem, ainda que, do ponto de vista da compreensão do mito, alguns problemas se interponham. Dentre eles, quando se trata do mundo pagão, as sibilas não são entes sobrenaturais (condição concernente aos mitos amplamente aceita pelos eruditos), mas mulheres de carne e osso. Do ponto de vista da cultura judaico-cristã, o mito sibilino não foi relegado a um âmbito de falsidade ou ilusão – como sói acontecer com as narrativas que não estão legitimadas no antigo e novo testamentos – ainda que não esteja referendado nos livros sagrados.³ O registro mais remoto é babilônico, migrando daí para a cultura greco-romana⁴. Na mitologia greco-romana, as sibilas, quando ligadas a um deus, são profetisas de Apolo e têm a função de dar a conhecer os seus oráculos. Como seres mortais, as profetisas faziam o elo entre o profano e o sagrado atendendo à necessidade humana tanto de se comunicar com o transcendente, como de saber dos acontecimentos do futuro.

Não há consenso ou certezas sobre a origem do nome Sibila, que permanece envolta em mistério. Conhece-se a primeira tentativa de explicação etimológica do termo, que se deve a Varrão quando afirma não serem os livros sibilinos obra de uma única sibila, uma vez que todas as adivinhadoras do mundo antigo eram chamadas assim. Esse autor faz uma associação entre o termo sibila e a manifestação da vontade do deus a partir do dialeto eólico. Dentre os contemporâneos que se dedicaram ao tema, destaca-se a hipótese de Hrozný que faz uma associação entre os termos acádicos (babilônicos anteriores ao domínio

3 ELIADE. Mito e realidade. P. 11-13.

4 CERVELLI. Questioni Sibillini. P. 3-77 e PERETTI. La Sibilla Babilonese Nella Propaganda Ellenistica. P. 11-12.

assírio) *Sibu* que significa velho e *Ilu* que significa deus. Sibila seria assim, uma velha cuja fala tem procedência divina ⁵. No mundo cultural de influência helenística Apolo foi o deus oracular mais importante. A atividade profética e premonitória foi afirmada pela antiguidade greco-latina, desde os pré-socráticos a autores tardios como Plutarco nos diálogos *De Pythiae oraculis*⁶ y *De defectu oraculorum*⁷. O âmbito cultural grego, pela constante convivência entre logos e mito – em diferentes aspectos desde poesia até à medicina – era propício ao desenvolvimento dessa manifestação religiosa de importação oriental ⁸. A urgência em saber os acontecimentos futuros tem como exemplo a criação de outras figuras mitológicas como Prometeu, Orfeu, Hermes Trimegisto (este último fora do mundo grego, no Egito) e na existência de outras profetisas além das sibilas: as pitonisas. Ambos os tipos de profetisas falavam em momentos de transe. Diferentemente das sibilas, as pitonisas faziam uso de vapores advindos de ervas alucinógenas e falavam sobre os futuros pessoais daqueles que as procuravam. O estado profético das sibilas é descrito como um estado de furor, de sofrimento, no qual elas são traspassadas por uma força superior e dolorosa, advinda do deus, para vaticinarem. Diversamente das pitonisas, sibilas profetizavam sobre futuros coletivos como resultados de guerras, com vitórias ou derrotas, sobre riquezas e pobreza das nações, sobre decisões políticas de resultados dramáticos para a coletividade. Os seus transe independiam do uso de alucinógenos. Enquanto as pitonisas se punham nos templos, e profetizavam *ex tempore*, as sibilas eram ambulantes ou se mantinham em antros localizados em grutas ou cavernas. Outra diferença com relação às pitonisas é o fato de que os oráculos das sibilas eram escritos em livros e vinham sempre falados na primeira pessoa. As sibilas viam um futuro mais longínquo a partir de um passado imemorial e falavam sem ser interrogadas. As pitonisas eram interrogadas sobre

5 PASCUCCHI. L'iconografia medievale della sibila Tiburtina. P. 5-6.

6 PLUTARCO. Diálogos Píticos. P. 1-354.

7 PLUTARCO, L'eclissi degli oracoli. P. 1-485

8 SUÁREZ, Emilio. La Sibila: Pervivencia Literaria y Proceso De Dramatización. P. 114.

futuros próximos e nos êxtases eram precedidas por Apolo. Se alguma vez falavam na primeira pessoa, o próprio Apolo estaria a falar pelas suas bocas.⁹

Versões inconciliáveis circulam sobre o momento do surgimento da sibila na Grécia, como acontece comumente quando se trata de mitos. Baudoin, apontando todavia um momento exato, ainda o faz no universo mitológico: a sibila teria aparecido pela primeira vez no século VIII a.C., época na qual ela teria se apresentado como filha de Lamia, por sua vez filha de Poseidon, durante as celebrações dos jogos de Corinto ¹⁰ . As suas profecias nunca são respostas, mas visões. Não se trata do *logos* de Delfos, mas da linguagem das visões, de profecias ocasionais. Contrariamente à voz oracular centrípeta das pitonisas de Apolo, a voz da sibila, dotada de um poder que não é aquele de apaziguar ou dominar a natureza, seria uma voz centrífuga, que se confunde com todas as formas da vocalidade do real ¹¹ . Potente intermediária entre céu e terra, ela perscruta a obscuridade dos tempos mais remotos e enxerga os futuros mais longínquos.

Para a população de cultura helênica, a voz severa da sibila era familiar. Veja-se com relação a isso o fragmento 92 de Heraclito de Éfeso: “E a Sibila com delirante boca sem risos, sem belezas, sem perfumes ressoando mil anos ultrapassa com a voz, pelo deus nela”.¹² A fisionomia dessa profetisa pagã é delineada por meio das fontes gregas mais antigas como um “tipo”, isto é, como um indivíduo único, mas que se repete em uma multiplicidade de indivíduos e nomes, reaparecendo em diferentes figuras femininas unidas por alguns traços distintivos. Ainda que seja frequentemente ligada em alguma medida à esfera apolínea, sobretudo na época antiga, a sibila se apresenta em grande medida como uma fonte autônoma de revelação divina. Esta característica permitiu que o mito se propagasse em diferentes culturas e momentos. Criatura vagante e misteriosa,

9 PASCUCCHI. L'iconografia medievale della sibila Tiburtina. P. 6.

10 BAUDOIN. 4 vie di predisposizione alla divinazione in Mesopotamia e nel mondo Ellenistico. P. 62-70.

11 BAUDOIN. 4 vie di predisposizione alla divinazione in Mesopotamia e nel mondo Ellenistico. P. 62-70.

12 HERÁCLITO. Fragmentos. P. 106.

inspirada do alto, a princípio livre de condicionamentos institucionais nos seus presságios – quase sempre dramáticos, de desventuras e punições – a sibila fala sem ser interrogada onde e quando urge nela a possessão divina ¹³. A sua característica principal e distintiva em toda a tradição greco-romana é o *status* de porta-voz possuída pela divindade, como um canal de comunicação sem mediações entre os níveis divino e humano. Dessa forma, podia simbolizar em certa medida a população como um todo, que adquiria por meio dela uma condição sobrenatural pela qual estava capacitada a comunicar as mensagens divinas aos fiéis.

Foi assim delineado na Grécia um quadro variado no qual a *facies* divinatória de uma sibila – fonte livre de revelação divina, por uma criatura móvel e vagante, sem qualquer subordinação institucional e ainda assim inserida na história da humanidade para a qual pressagia eventos dramáticos, adversidades e calamidades – veio a ser no mundo romano uma forma de adivinhação institucionalizada, severamente controlada, destinada a oferecer garantias à vida e à sobrevivência da Urbe e dos cidadãos e perfeitamente integrada àquele contexto sócio-político.¹⁴ Para os romanos antigos a adivinhação sibilina era estreitamente ligada ao animismo e ao primitivo culto dos mortos. Posteriormente a isso e também ao culto dos deuses ctônicos, a sibila apareceu como purificadora e expiadora.¹⁵

Apesar da estreita conexão entre a lenda e a tradição artístico-literária, não obstante serem substrato uma da outra, essas duas linguagens desenvolvem-se paralelamente, como águas próximas que não se podem unir completamente. Segundo Ferri a lenda da sibila é pura e exclusivamente italiana, enquanto as outras manifestações são europeias em geral, ou quase totalmente europeias. O que interessa aqui, no entanto, é o caráter de universalidade desse mito. A sua forte e diversificada sobrevivência, deve-se, segundo este autor, a um “*principium vitae*”

13 PASCUCCI. L'iconografia medievale della sibila Tiburtina. P. 5-6.

14 MONACA. La Sibilla a Roma. I libri sibillini fra religione e política. P. 17.

15 ROSSI. Le sibille nelle arti figurative italiane. P. 272-285.

que remete à sua primordial composição humano-religiosa. Assim, mesmo na tradição popular, a sibila, ou ao menos seu nome, permanece até os dias atuais. Não é raro que atualmente esse mito apareça transformado, degenerado, quase irreconhecível, mas sempre exuberante em sua metamorfose. Como exemplo disso há um caso pitoresco existente no ambiente rural italiano, o dito popular “encontrar a sibila”: Acredita-se que os gatos negros tenham um osso a mais que os gatos não negros. Não se sabe onde esteja articulado ou como se tenha formado. Aquele que, achando esse ossinho, o ponha em sua boca, torna-se invisível aos olhos dos outros. Terá então “encontrado a sibila”.¹⁶ Outra forma degenerada, um tipo de tortura, tomou o nome de sibila, na Itália: a prática na qual os polegares ou os dedos em geral eram esmagados em uma série de laços feitos de cordas, cujo objetivo era extrair a verdade por meio da dor. Essa técnica era reservada às mulheres. Conquanto a sibila também fosse vista como a guardiã da verdade, ironicamente a tortura era dedicada à extração da verdade nas mulheres. A pintora Artemisia Gentileschi foi assim torturada em 1612 por ocasião do processo movido contra seu mestre Agostino Tassi por assédio sexual.¹⁷ Como exemplo de sobrevivência do mito pode-se também recordar a existência da Sibilla Barbaricina na Sardenha – mulher vivente no século XX – e suas práticas mágico-religiosas, cujas notas etnográficas com autoria de Raffaello Marchi foram publicadas pelo *Istituto Superiore Regionale Etnografico della Sardegna* (ISRE) em 2006.¹⁸ Outro modelo exemplar de permanência do mito, a cartomancia, ainda hoje é praticado com cartas sibilinas: La Vera Sibilla Italiana é perpetrada contemporaneamente na Itália.¹⁹ De errantes a enclausuradas em seus antros; de virgens a eróticas; de portadoras do *logos* humano ao discurso divino e delirante; de mito a mulheres reais; da Babilônia à Grécia e aos povos de cultura helenizada do mediterrâneo; de Roma e dos judeus helenizados à cultura cristã; da Europa à América colonizada,

16 FERRI. La sibilla e altri studi sulla religione degli antichi. P. 55.

17 KERRINGAN. Gli strumenti di tortura. P. 57-59.

18 MARCHI. La sibilla barbaricina note etnografiche. P. 1-312.

19 TUAN. Vera Sibilla Italiana. P. 7-127.

entre mistérios e revelações, a sobrevivência da sibila na literatura, na música, na liturgia, na pintura, intriga e permanece entre nós.

A sobrevivência da sibila desde os primórdios prova que ela responde a uma necessidade provavelmente fundamental do pensamento humano de criar uma figura que combine os traços de feminilidade, por vezes da velhice, da castidade, da inspiração profética, da sabedoria e da sacralidade. Esses elementos estão relacionados entre si. Eles dão testemunho de uma criatura inalterável que corre de civilização em civilização, criatura para a qual as letras latinas, através de seus escritores dos mais importantes, Virgílio e Santo Agostinho, garantiram prestígio incondicional por mais de um milênio.²⁰

Com uma concepção mais ampla do significado da palavra sibila, Ariana Pascucci²¹ afirma que na antiguidade gregos e latinos se referiam assim a toda classe de profetisas, mulheres virgens e jovens, ou por vezes decrépitas, que desenvolviam a arte da adivinhação em estado de transe. Interessa-nos aqui, em especial, as representações plásticas das sibilas. Apesar de existirem fontes que afirmam a existência de suas figurações em idade grega (séculos V e VI a. C.), é na época romana de ambiente itálico a sua principal difusão. As imagens aparecem em moedas a partir do ano 65 a. C., mas a representação da sibila Cumana mais rica de significado daquele período (do século I d.C.) é uma pintura de Herculano na qual comparecem a profetisa ao lado de Apolo.

As bases iconográficas para as representações das profetisas são múltiplas, entretanto, alguns cânones foram fundamentais nesse sentido ao longo da história. Marco Terêncio Varrão (116 a 27 a.C) em sua obra *Antiguidades das Coisas Divinas* (quase totalmente desaparecida e hoje conhecida por meio de citações de Cícero, Lactâncio e Santo Agostinho) traz a lista mais exaustiva com 10 sibilas, da seguinte maneira arroladas em ordem de antiguidade: Pérsica, Líbica, Delfica, Ciméria, Eritéia, Sâmia, Cumana, Helespontica, Frígia e Tiburtina²². Pode-se ver

20 ABED. Une à la douzaine. Le statut du personnage de la sibylle dans le ms BnF fr. 2362. P. 9-19.

21 PASCUCCI. L'iconografia medievale della sibila Tiburtina. P. 5.

22 PARKE. Sibille. P. 49-52.

nesse conjunto uma síntese literária e historiográfica do que se sabia sobre as sibilas até então, e também o desejo de estabelecer limites para uma lista em constante modificação. Ali as sibilas representavam diferentes regiões do mundo conhecido: algumas vindas da Grécia, outras do oriente, outras italianas ou itálicas. O catálogo de Varrão obteve muito sucesso, influenciando outras listas – à exceção talvez de alguns eruditos escolásticos – e acabou por se impor na Igreja do Oriente e do Ocidente, como o catálogo canônico das sibilas²³. Retomado por Lactâncio, o catálogo de 10 sibilas se tornou a fonte na qual quase todos os escritores posteriores se alimentaram, até o século XV.

O catálogo de Varrão será assim transmitido e repetido pelos autores da idade média latina, sendo referência para os artistas medievais e para os primeiros humanistas do renascimento até ser acrescido das sibilas Agripa e Europa por meio de Fillipo Barbieri, (mas não só por ele como veremos), um frade dominicano, em 1482. Esse autor fez coincidir as profetisas com os profetas do antigo testamento e conferiu a cada uma delas características, atributos e profecias. Apesar de a lista do dominicano figurar com algumas variações em distintos programas iconográficos, a lista de Varrão teve ainda longevidade mesmo concomitantemente ou posteriormente ao seu incunábulo.

Dentre as numerosas sibilas do mundo antigo, duas adquiriram um lugar privilegiado entre os primeiros cristãos: a sibila de Cuma, em razão da associação com a profecia messiânica que os cristãos viram na quarta Écloga de Virgílio; e a sibila Eritreia que teria cantado a Parousia de Cristo e o Juízo Final, num célebre acróstico grego que fora traduzido por Santo Agostinho na Cidade de Deus (esse tema será ainda abordado no capítulo Sobrevivência das Sibilas no Mundo Cristão). A partir disso a Eritreia teve uma fortuna imensa, pois entrou na liturgia da idade média por meio de um sermão pseudo-agostiniano que a cita dentre outras testemunhas da divindade de Cristo e que igualmente inspirou tanto a representação de teatros sacros quanto composições musicais do século IX ao XVI.

23 ROESSLI. Les Oracles Sibyllins. P. 5.

Sem dúvida nenhuma é também a Eritreia aquela aludida no *Dies Irae* atribuído a Tomaso a Celano no século XIII, no famoso: *Dies iræ, dies illa, / Solvet sæclum in favilla, / Teste David cum Sibylla* ²⁴.

A partir do século VI outra profetisa ganha importância: a sibila Tiburtina, a décima na lista de Varrão e que teria previsto o nascimento de Cristo ao Imperador Augusto mostrando-o a Virgem Maria com seu filho no colo. A Tiburtina teve imensa fortuna também nas representações nas igrejas e esteve associada à *pax romana*, à lenda dos nove sóis, e ao acróstico do Juízo Final por meio de autores que lhe atribuíram o lugar antes ocupado pela Eritreia ²⁵. Podemos por tudo isso compreender que para os cristãos primitivos, a Cumana tornou-se canonicamente uma das profetisas pagãs da encarnação do saber; a Eritreia a sibila do Juízo final e da parusia de Cristo; enquanto a Tiburtina assumiu na Idade Média uma simbologia essencialmente messiânica e milenarista.²⁶

O final da Idade Média aprofundou as características míticas das sibilas (que foram instituídas no mundo antigo) por meio dos textos e da iconografia. O interesse dos homens da Idade Média pela profecia era constantemente renovado. É um evento notável que essa criatura, a partir da Grécia, fizesse predições de todos os tipos: profecias políticas, que anunciavam as mudanças de tronos e dinastias; anúncios do Dia do Juízo Final ou do fim dos tempos; e profecias cristãs que tendiam a provar que o Messias era aguardado entre os povos pagãos. Nesse contexto é de extrema importância a iconografia. Aqui o mérito próprio da Idade Média foi considerar que a palavra da profetisa tinha que ser abrigada por uma boca e um corpo. O medieval adicionou, portanto, à palavra da sibila um importante interesse pela sua representação. A partir desse interesse se percebe a multiplicidade de alusões ao físico nos textos literários: corpo deteriorado e horrível de se ver da sibila Cumana, antiga profetisa nas obras de Virgílio e Ovídio;

24 ROESSLI. Les Oracles Sibyllins. P. 8.

25 PASCUCI. L'iconografia medievale della sibila Tiburtina. P. 18.

26 ROESSLI. Les Oracles Sibyllins. P. 9.

corpo bonito e jovem da sibila Tiburtina; corpo evanescente e velado da sibila na obra de Cristina de Pisano ²⁷.

O que pretendemos destacar aqui são as especificidades das representações das sibilas nos templos católicos em geral e em Diamantina em especial. Para isso, é preciso nos dedicar, ainda que rapidamente, à sua sobrevivência no mundo cristão. Não é tarefa simples deslindar o caminho percorrido entre a sibila pagã e sua incorporação pelo cristianismo. Não existe um fato único, ou momento histórico exclusivo que responda com suficiência a esta questão, mas, ao contrário, diferentes ocasiões e eventos se interpõem e concorrem para a sua elucidação. Trata-se por isso de uma sobrevivência efetiva. A questão divinatória e profética é um elemento comum e peculiar ao complexo quadro de relacionamentos difíceis (mas forçosos) da nova mensagem religiosa cristã com o panorama multiforme (mas essencialmente homogêneo) das civilizações que afluíam dentro do império romano. Tanto da parte da cultura pagã, como da judaica e da cristã, houve uma sede insaciável de conhecimento do futuro, misto de esperança e temor. Esse foi um ponto crucial na tessitura da afirmação religiosa dessas distintas culturas e na busca, seja de sua afirmação religiosa, como de suas peculiaridades ²⁸. A partir desses pressupostos, já se torna possível distanciar o espanto e a admiração com relação à presença maciça das sibilas também no mundo cristão.

Dentre os diferentes momentos históricos nos quais as questões proféticas e divinatórias surgem e ressurgem com fervor, não é incomum que compareçam diferentes estirpes de profetas e adivinhadores, com maior ou menor sucesso (dentre os quais as sibilas têm um lugar privilegiado) ao lado da astrologia com a sua prática divinatória do zodíaco. As sibilas estiveram presentes no cristianismo desde os primórdios. O primeiro momento, sem dúvida determinante, foi o dos padres apologistas no cristianismo primitivo e da patrística até à institucionalização da Igreja Católica, (com o I Concílio de Niceia, convocado pelo

27 PIZAN. *La Cité des Dames*. P. 127-238.

28 GASPARRO. *La sibila: voce del Dio per pagani, ebrei e cristiani: un modulo profetico al croce via delle fede*. P. 505-553.

imperador Constantino) ressaltando Lactâncio e Santo Agostinho. O primeiro imperador cristão, na sua mensagem para este concílio, realizado no ano de 325, interpretou a passagem das *Écoglas* ou *Bucólicas* de Virgílio como uma referência à vinda de Cristo.



Figura 1: Sibila do Arco Triunfal da Basílica de Santa Maria Maggiore, Roma. Fonte: Maria Cláudia Magnani, 2018.

Se Constantino foi um marco, cabe lembrar que antes dele as sibilas vinham sendo já citadas pelos padres da Igreja. Depois que Virgílio mencionou a sibila, esta se tornou uma figura comum na literatura latina. Os cristãos viram então, nesta *Bucólica*, segundo Brown²⁹ a profecia do nascimento virginal do Messias que tirou o pecado original. É nesse ambiente deliberadamente literário, antes mesmo da citação de Constantino, que a sibila aparece nos escritos dos Padres da Igreja. O veredito mais importante sobre as sibilas, legitimando as profetisas e suas profecias

29 BROWN. A Quarta *Bucólica* de Virgílio. P. 78-82.

no universo católico, foi dado na Cidade de Deus, por Santo Agostinho, no século IV³⁰. A primeira representação de uma sibila dentro de um templo católico se dá no século IV, em um mosaico da Basílica de Santa Maria Maggiore. Desde esse momento, percebe-se que a sibila é um detalhe marginal nas representações iconográficas.

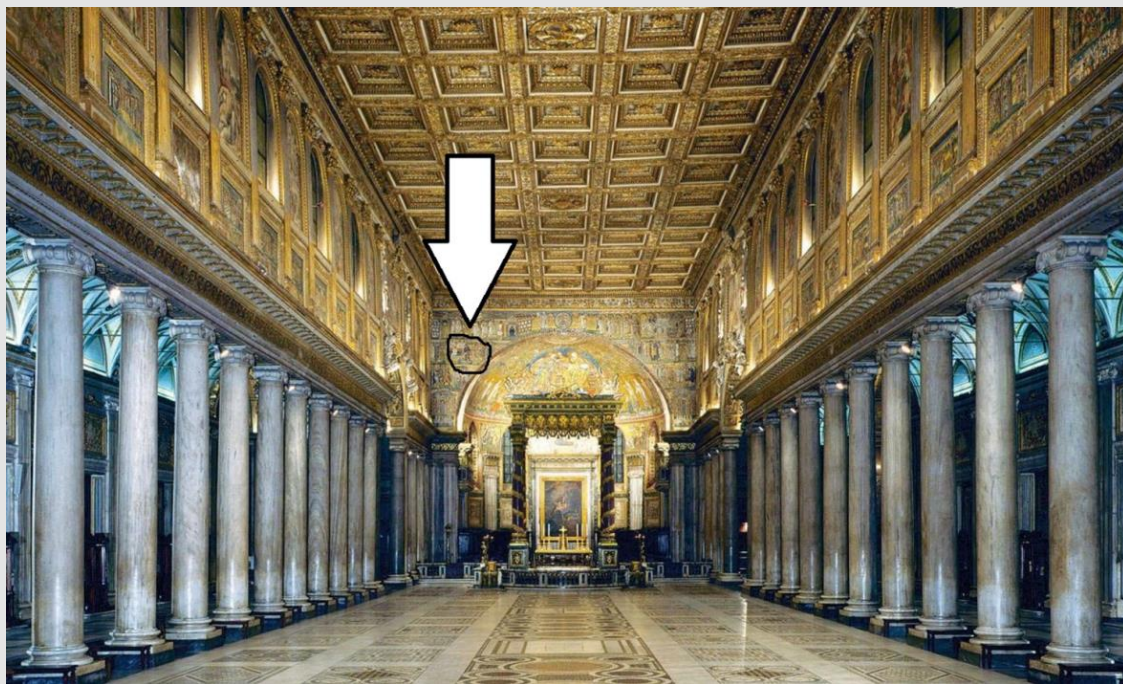


Figura 2: Arco Triunfal da Basílica de Santa Maria Maggiore, com a sibila marcada em detalhe.
Fonte: Maria Cláudia Magnani, 2018.

Conforme Rossi ³¹, no século XI, uma desordem das almas criou insatisfação e desequilíbrio a partir das mudanças como a retomada do comércio, o desenvolvimento das cidades e a aparição da burguesia, juntamente com o surgimento de bandos de mercenários e mendicantes. Na mesma época há um ressurgimento de um clima apocalíptico. Este século viu a luta entre a Igreja e o Império Germânico. Foi um século no qual o mundo cristão foi tomado várias vezes pelo medo apocalíptico que preparava os povos para a iminência de uma luta final, como afirma Minois ³². O clima apocalíptico e o medo diante das desordens

30 AGOSTINHO. A Cidade de Deus. XXIII, 2.

31 ROSSI. Le sibille nelle arti figurative italiane. P. 218.

32 MINOIS. Storia dell'Avvenire dai profeti alla futurologia. P. 166.

advindas das rápidas mudanças no mundo tradicional trouxeram fortemente o desejo de conhecimento do futuro. Houve um retorno importante da astrologia e das profecias sibilinas que são, ao mesmo tempo, concorrentes e complementares aos profetas do Antigo Testamento. Segundo a mesma autora, é do século XI a primeira representação da sibila no universo medieval. Uma pintura parietal, na Basílica de *Sant'Angelo in Formis*, dos frades beneditinos, representa a sibila já honrada na Igreja, lado a lado com os doze profetas de Cristo. A sibila em questão não está nomeada, mas encontra-se nas terras onde tiveram longa duração a tradição das sibilas Cumana e Ciméria, sendo provavelmente esta pintura uma das profetisas comparecentes na tradição regional.



Figura 3: Sibila em Santo Ângelo in Formis, Capua. Fonte: Maria Cláudia Magnani, 2018



Figura 4: Sibila no arco da Igreja em Santo Ângelo in Formis, Capua. Fonte: Maria Cláudia Magnani, 2018

É digno de nota o fato de que, no século XIII, ninguém menos que Tomás de Aquino³³, o grande doutor da escolástica tenha também mencionado as sibilas, corroborando as palavras de Santo Agostinho e confirmando que suas profecias seriam de inspiração divina e não demoníaca. Do século XIII existem importantes representações das sibilas na Itália. Destacam-se duas esculturas em Ravello e de Sesso Aurunca, ambas na costa Amalfitana, tidas como as primeiras representações das sibilas em mármore. Foi um novo momento de apelo ao sibilismo, especialmente no sul da Itália. Também estas, discretos detalhes.

No século XIV, de acordo com Smoller³⁴(2010, p. 83) um grande número de estudiosos colocou-se contra as sibilas e outros elementos do paganismo dentro do catolicismo. No entanto, isso não foi suficiente para anular a tendência de ratificar as sibilas como testemunhos da encarnação. Naquele século, também foram representadas sibilas em importantes púlpitos em Pistoia, Siena e Pisa, feitos

33 AQUINO. Suma Teológica . 2ª PARTE, II SESSÃO, QUESTÃO 172, ARTIGO 5 E 6.

34 SMOLLER. Teste Albumasare cum Sibylla: astrology and the Sibyls in medieval Europe. P.83.

por Giovanni Pisano e seu filho Nicola Pisano. Também neste caso, as sibilas são detalhes de púlpitos dentro de grandes templos.



Figura 5: Sibila no púlpito, Igreja de St. Andrea, em Pistoia, Giovanni Pisano Fonte: Maria Cláudia Magnani, 2018

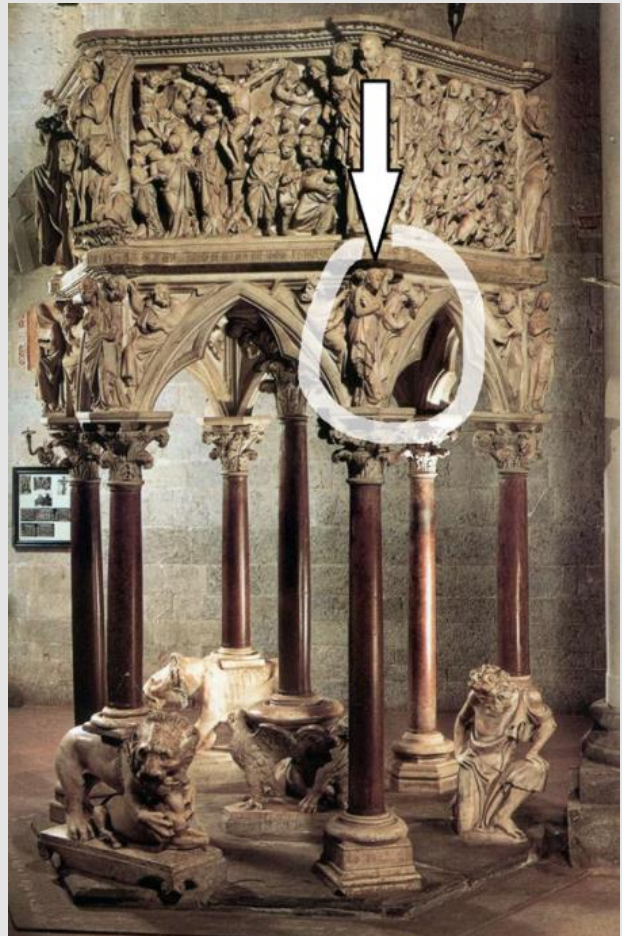


Figura 6: Sibila assinalada em detalhe no púlpito, Igreja de St. Andrea, em Pistoia. Fonte: Maria Cláudia Magnani, 2018

No século XV, surgiu uma obra que foi importante para a representação das sibilas no mundo cristão, o livro de Fillipo di Barbieri. A importância hoje reverberada da publicação de Barbieri deve-se em grande medida a uma notável obra que apareceu na França do século XIX. Nos estudos de Émile Mâle (*Quomodo Sibyllas recentiores artifices repraesentaverint*, a tese latina sobre as sibilas, discutida na Sorbone em 1898) o autor mostra como Barbieri tem efetivamente uma grande importância como base iconográfica das representações das sibilas nas igrejas a partir de então, uma vez que estabelece características físicas, vestimentas, idade e atributos específicos a cada uma delas em sua obra

Discordantiae sanctorum doctorum Hieronymi et Augustini publicada pela primeira vez em 1481 e diversas vezes reeditada³⁵. O renascimento é, na verdade o momento no qual se veem cada vez mais profecias extra bíblicas comparecentes na Igreja, frequentemente dentro de uma estrutura escatológica e legitimando o cristianismo. Não é por acaso que é neste momento, do século XV em diante, que se tem o maior número de representações das profetisas nas igrejas. Sempre detalhes em ângulos, tambores, cantos de capelas laterais, afrescos em arcos secundários.

No século XVI, grandes nomes como Rafael e Michelangelo representaram sibilas em igrejas de enorme importância em Roma: Santa Maria da Paz e Capela Sistina, respectivamente. Esses dois exemplos são fundamentais para compreender a importância dessas representações, mas insuficientes para se ter a dimensão numérica das representações das sibilas nos templos católicos, na Itália. Em um espaço de poucas décadas, ao lado dos já citados pintores, destacam-se, entre os séculos XV e XVI nomes como Fra Angelico, Ghirlandaio, Andrea del Castagno, Raffaelino del Garbo, Veronese, Lorenzo Loto, Filippo Lipi, Bernardino Luini, Correggio, Dosso Dossi, dentre tantos outros que representaram as profetisas no mundo cristão. Em sua maioria, as profetisas eram representadas ao lado de profetas e sempre em ângulos de arcos, em capelas laterais, como detalhes discretos. Mesmo na Capela Sistina, provavelmente a pintura que mais centralidade dá a essas figuras, elas são cinco em relação aos sete profetas, todos dispersos e contornando as figuras centrais que retratam a criação do mundo, da separação entre as luzes e trevas até à embriaguez de Noé. Ou seja, mesmo ali, as sibilas não têm a importância e a centralidade de outras figuras da criação.

35 BARBIERI. *Discordantiae sanctorum doctorum Hieronymi et Augustini*. P. 7r – 12 v.



Figura 7: Sibila Eritreia, Fra Angelico, Museo San Marco, Florença. Fonte: Maria Cláudia Magnani, 2018

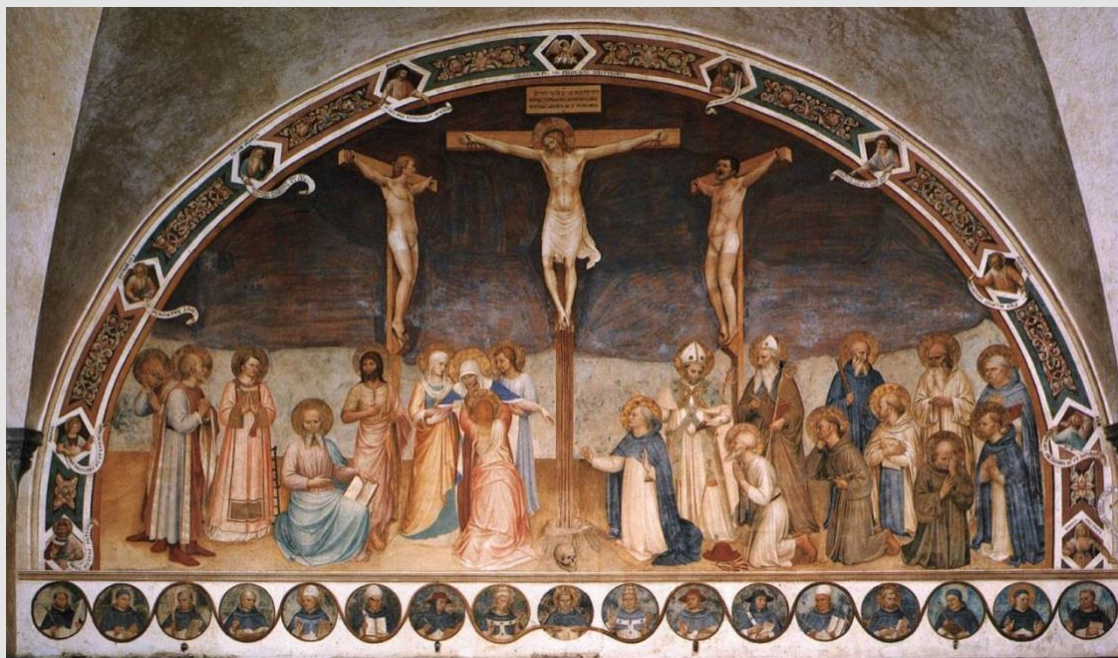


Figura 8: Crucificação com Santos, Fra Angelico, Museo San Marco, Florença, com sibila Eritreia no detalhe. Fonte: Maria Cláudia Magnani, 2018

As profetisas (juntamente com os magos) provar-se-iam imensamente poderosas e populares nos séculos XVI e XVII. No entanto, o século XVII, conhecido como o período da ciência moderna, traria muitas críticas às profecias sibilinas. Diversos eruditos não hesitaram em tentar demonstrar que se tratava de pura invenção. São exemplo dessa descrença as concepções de David Blondel e Isaac Casaubon, datadas de 1660 e sobre as quais nos informa Minois³⁶. Este mesmo autor afirma que para Vossius as profecias sibilinas tratam-se de invencionice dos judeus. Para Johannes Marckius de Groninga tratam-se de uma fraude atribuída aos padres. Para o holandês Antoine Vandale, as sibilas são malandras que não teriam previsto coisa alguma. A partir do final do século XVII os oráculos sibilinos foram sendo desmistificados e por volta de 1694 tornaram-se a base de um jogo para a sociedade nos Países Baixos. A profecia se torna um gênero literário de *divertissement* própria dos almanaques. Não foi, no entanto, sem reação que os ataques sofridos às profecias sibilinas circularam. Exemplo disso, em 1678, Jean Crasset, pregador jesuíta, em sua *Dissertation sur les Oracles des Sybilles* faz a apologia dos oráculos sibilinos, atacando diretamente as críticas feitas por Blondel³⁷. Entretanto, a partir dos finais do século XVII são cada vez menores as ocorrências das representações das sibilas nas Igrejas na Itália, ainda que em menor número sejam representadas, por vezes como meros detalhes decorativos, até o século XX. Exemplos disso são as quatro sibilas pintadas por Achille Casanova na Basílica de Santo Antônio em Pádua, na primeira metade do século. Ainda que sejam de grande proporção quando vistas individualmente, as pinturas contornam a abside, sendo pouco visíveis e ainda assim minudências em uma basílica monumental.

A produção e circulação de gravuras desde o século XV permitiu ainda uma longevidade às pinturas das sibilas na Europa e nas colônias espanhola e portuguesa da América, como se pode conferir na primorosa obra de Raybould³⁸

36 MINOIS. Storia dell'Avvenire dai profeti alla futurologia. P. 351.

37 CRASSET. Dissertation sur les Oracles des Sybilles. P. 4- 275.

38 RAYBOULD. The sibyl series of the fifteenth century. P. 6-255.

(2016, p. 06-255). Especialmente nas colônias ibéricas da América, foi a partir de gravuras holandesas da família Van der Passe, do primeiro quartel do século XVII, que as pinturas das sibilas foram feitas. As gravuras dos Van der Passe foram fartamente reproduzidas pelos franceses e tiveram fortuna na sua circulação. Ao menos dois ciclos foram dedicados às representações das sibilas ³⁹. No caso da América portuguesa, as únicas representações das sibilas estão na cidade de Diamantina, em Minas Gerais. Trata-se de quatro sibilas na abóbada da capela-mor da Igreja de Nosso Senhor do Bonfim, do século XVIII e de véus quaresmais do final do século XVIII e início do século XIX. O que chama a atenção nessas figurações é a sua centralidade que lhes dá uma importância única no mundo.

Na Igreja de Nosso Senhor do Bonfim as profetisas estão representadas em meio corpo, em quadros entre colunas paranínicas figurando cariátides, e sobre cada quadro, há um medalhão seguro por um querubim trazendo os seus nomes: Delfica, Líbica, Frígia e Tiburtina. Setecentistas, as pinturas foram atribuídas a Silvestre de Almeida Lopes, pintor nascido na colônia e que teria aprendido o ofício com o bracarense José Soares de Araújo, pintor que teria levado para o Arraial do Tijuco a pintura de quadratura e o tema das sibilas ⁴⁰. A centralidade das sibilas naquela abóboda é única dentro de uma igreja católica: As quatro sibilas que contornam o quadro recolocado da deposição de Cristo – iconografia de devoção daquele templo – são superiores em volume àquela representação central. O conjunto toma toda a abóboda, como se pode perceber na imagem abaixo:

39 ROMERO, ROMERO e OJEDA. Sibilas En Europa y América: Repercusiones Del Sibyllarum Icones de Crispijn De Passe En Los Siglos XVII y XVIII. P. 263–80.

40 MAGNANI. Modelos iconográficos das Sibilas e da deposição de Cristo nas Minas Gerais do século XVIII: propaganda político-religiosa e persuasão na América Portuguesa. P. 152-166.



Figura 9: Teto da Capela de Nosso Senhor do Bonfim, Diamantina. Fonte: Bernardo Magalhães, 2016

As profetisas não estão relacionadas a profetas ou evangelistas e as colunas da falsa arquitetura que as contornam, são figurações de cariátides. Maior centralidade ainda tem as sibilas representadas nos oito véus quaresmais ali sobreviventes do final do século XVIII e princípio do século XIX. Seis véus são inventariados pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – e dois não inventariados encontram-se na Igreja de Nossa Senhora do Rosário em São Gonçalo do Rio das Pedras, atual distrito da cidade do Serro. Além de serem os únicos véus quaresmais adornados com sibilas encontrados na pesquisa desta autora (à exceção de um *fastentuch* da cidade de Gurk na Áustria que representa um pequeno quadro, dentre 99 nele figurados, com a lenda da sibila Tiburtina e o imperador Augusto), eles têm também a exclusividade da centralidade e importância das profetisas ali figuradas. Todos os oito panos têm as sibilas em estrutura de quadratura e sua função é a de cobrir os altares na semana santa.⁴¹

41 MAGNANI. Os Véus nas Pinturas e as Pinturas nos Véus: sibilas e quadratura nos panos quaresmais de Diamantina. P. 313-326.



Figura 10: Véus quaresmais com sibilas em Diamantina. Fonte: Bernardo Magalhães, 2016

Ainda é um mistério essa presença das sibilas em Diamantina. Figuras femininas profanas, incorporadas pelo cristianismo, mas sempre pagãs e com o dom da profecia. As suas representações nas igrejas, como dito anteriormente, são detalhes na maioria das igrejas onde são figuradas. Diferentemente das madonas e das santas, as profetisas estão em ângulos, capelas laterais, cantos de transeptos, pendentes de cúpulas, e na maioria das vezes fazendo referência às figuras masculinas da história sagrada. A centralidade e a importância das sibilas de Diamantina são únicas no mundo católico. Permanece a pergunta: quem seria o responsável por essas características? Um comitente, um pintor, as irmandades, algum pároco?

As sibilas permanecem em diferentes momentos históricos e distintos locais. Foram incorporadas pelos judeus e pelos cristãos, chegando até às Américas. Essas figuras mitológicas permanecem porque têm em si algo de universal. Assim como os *aedos* gregos, elas tinham um lugar social na cidade antiga e por meio da linguagem delirante e misteriosa dos seus oráculos, faziam a ligação entre o transcendente e o humano. São, portanto, uma expressão do desejo humano de transcender e de saber o futuro. Segundo Joyce Lussu em sua obra *IL*

Libro Perogno su Donne, Streghe e Sibille a imagem das sibilas representa e antecede a contraposição aos poderes constituídos, como a vivência do diverso.⁴² Segundo essa autora toda a cultura hegemônica teve que prestar contas a ela, manipulá-la e deformá-la e ainda assim não a conseguiu suprimir. As sibilas, de fato, não teriam desaparecido, mas se transformado sempre ao longo do tempo, mantendo o contraponto aos poderes estabelecidos, amparado na dimensão mítica da sua vivência. Fazendo eco à hipótese de Joyce Lussu, sugerimos que também em Diamantina as sibilas não tenham desaparecido, mas se transformado ao longo dos anos, nas mulheres raizeiras, conhecedoras dos poderes naturais e sobrenaturais das plantas, benzedeadas, cartomantes, adivinhas, reafirmando-se sempre na dimensão multicultural do mito feminino que faz o elo entre o divino e o humano.

Recebido em: 20/10/23 - Aceito em: 26/01/24

BIBLIOGRAFIA

ABED, Julien. Une à la douzaine. Le statut du personnage de la sibylle dans le ms BnF fr. 2362. In *Façonner son personnage*. Aix-Marseille, (2007): 9-19.

AGOSTINHO, Santo. **A Cidade de Deus**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2013, 592p.

AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica** : 2ª PARTE, II SESSÃO, QUESTÃO 172, ARTIGO 5 E 6.

BAUDOUIN, Claudie. 4 vie di predisposizione alla divinazione in Mesopotamia e nel mondo Ellenistico. In *Parchi di Studio e Riflessione La Belle Idée*. Febbraio 2012 Disponível em: <https://docplayer.it/13128122-4-vie-di-predisposizione-alla-divinazione.html> Acesso em: 17 de jan. 2022.

42 Joyce Lussu, *IL Libro Perogno Su Donne, Streghe e Sibille*, (Ancona: Società editricie Il Lavoro Editoriale, 1982), 7-64.

BARBIERI, Filippo. **Discordantiae sanctorum doctorum Hieronymi et Augustini**, Incunable – Membr.IV.29, 140 p., disponível em: <http://digi.vatlib.it/view/Membr.IV.29> Acesso em: 17 de jan. 2022.

CERVELLI, Innocenzo. **Questioni Sibillini**. Veneza: Istituto Veneto di Scienze Lettere ed Arti, 2011, 372 p.

CRASSET, Jean. **Dissertation sur les Oracles des Sybilles**. Paris: Chez l'Etienne Michallet, 1678, 302 p. Disponível em:

<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k9614528k.r=sibylles%20blondel?rk=21459>
Acesso em: 17 de jan. 2022.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972, 193 p.

Ferri, Silvio. **La sibilla e altri studi sulla religione degli antichi**. Pisa: Edizione ET, 2007, 268 p.

HERÁCLITO. Fragmentos. In: Os Pensadores: Os Pré-socráticos. Tradução: José Cavalcanti de Souza et al. São Paulo: Abril Cultural, 1996, 353 p..

KERRINGAN, Michael. **Gli strumenti di tortura**. Roma: L'Airone Editrice, 2001, 192 p.

LUSSU, Joyce. **IL Libro Perogno Su Donne, Streghe e Sibille**. Ancona: Società editricie Il Lavoro Editoriale, 1982, 64p.

MAGNANI, Maria Cláudia Almeida Orlando. Modelos iconográficos das Sibilas e da deposição de Cristo nas Minas Gerais do século XVIII: propaganda político-religiosa e persuasão na América Portuguesa. In OLIVEIRA, Carla Mary S.; HONOR, André Cabral (Orgs.). *O Barroco na América Portuguesa*: Novos Olhares Sevilha: Enredars, 2019, p. 152-166.

_____. Os Véus nas Pinturas e as Pinturas nos Véus: sibilas e quadratura nos panos quaresmais de Diamantina. In MELLO, Magno Moraes (Org.). *Arte e Ciência: O triunfo do ilusionismo na arte barroca*. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas FAFICH/UFMG, 2020, p. 313-326.

_____. A Estrutura de Falsa Arquitetura dos Véus Quaresmais com Sibilas de Diamantina. In *Linguagens nas artes*, v. 1, n. 2, p. 35–50, 2020. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/linguagensnasartes/article/view/5285> Acesso em: 17 jan. 2022.

MARCHI, Raffaello. **La sibilla barbaricina note etnografiche**. Nuoro: Istituto Superiore Regionale Etnografico della Sardegna, 2006, 312 p.

MONACA, Mariangela La Sibilla a Roma. **I libri sibillini fra religione e política**. Cosenza: Edizioni Lionello Giordano, 2005, 324 p.

MINOIS, Georgis. **Storia dell'Avvenire dai profeti alla futurologia**. Bari: Edizione Dedalo, 2007, 608 p.

PARKE, Herbert William. **Sibille**. Genova: Edizioni Culturali Internazionali, 1992, 382 p.

PASCUCCI, Arianna. L'iconografia medievale della sibilla Tiburtina. In *Collana Contributi alla conoscenza del patrimonio tiburtino*, vol. VIII (2011): 3-77.

PERETTI, Aurelio. *La Sibilla Babilonese Nella Propaganda Ellenistica*. Firenze: La Nuova Italia Editrice Firenze, 1943, 510 p.

PIZAN, Christine de. **La Cité des Dames**. Paris: Éditions Stock, 2018, 306 p.

PLUTARCO. **Diálogos Píticos. Introduccion**, traducción y notas por Concepción Morales Otal y José García López. Madrid: Gredos, 1985, 354 p.

PLUTARCO. **L'eclissi degli oracoli**, a cura di Andrea Rescigno. Napoli: D'Auria, 1995, 485 p.

RAYBOULD, Robin. **The sibyl series of the fifteenth century**. Boston: Brill Editors, 2016, 263 p.

ROESSLI, Jean-Michel. Les Oracles Sibyllins. In *Histoire De La Littérature Grecque Chrétienne*, Tome 2, (2012): 591- 618.

ROMERO, Rodríguez, ROMERO, Agustina Rodríguez, OJEDA, Almerindo. Sibillas En Europa y América: Repercusiones Del Sibyllarum Icones De Crispijn De Passe En Los Siglos XVII y XVIII. In *Archivo Español De Arte*, 88, no. 351 (2015): 263–80.

ROSSI, Angelina. Le sibille nelle arti figurative italiane (con sette illustrazioni nel testo) In *L'arte: rivista di storia dell'arte medievale e moderna*, v. 18, (1915): 209-21; 272-283; 427-58.

GASPARRO, Sfamini, Giulia. La sibilla: voce del Dio per pagani, ebrei e cristiani: un modulo profetico al croce via delle fede. In *Sibille e linguaggi oracolari: mito, storia, tradizione*, Atti del Convegno Macerata –Norcia 20-24 set. 1994, 505-553. Pisa, 1999.

SMOLLER, Laura Ackerman. Teste Albumasare cum Sibylla: astrology and the Sibyls in medieval Europe. In *Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences*, n° 41 (2010), 76-89.

SUÁREZ, Emilio. La Sibilla: Pervivencia Literaria y Proceso De Dramatización. In *Castilla: Estudios de literatura*, 1983-1984, número 6-7, p. 113-141.

TUAN, Laura. **Vera Sibilla Italiana**. Torino: Scarabeo, 2014, 127 p.